



A Geografia da minha aldeia: Um olhar geográfico construído pelos discentes da LINTER do IFBA (Porto Seguro)

*The Geography of my village:
A geographical look built by the students of LINTER of IFBA (Porto Seguro)*

*La Geografía de mi pueblo:
Un aspecto geográfico construido por los estudiantes de La LINTER de IFBA (Porto Seguro)*

Sebastiao P. G. de Cerqueira Neto¹
Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA)

José André Ribeiro²
Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA)

Leonardo Thompson da Silva³
Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA)

Ricardo de Almeida Cunha⁴
Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever uma experiência desenvolvida no componente curricular de Geografia, oferecido no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (LINTER), no Instituto Federal da Bahia, Campus Porto Seguro. Não é uma tarefa fácil propor e concretizar uma conexão entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, sobretudo, no meio acadêmico, no qual ainda há resistência para essa união. Entretanto, assistimos a um grande esforço, principalmente, das Ciências Humanas, em abrir suas portas e acolher a oralidade dos diferentes povos tradicionais. Nesse contexto, o projeto “A Geografia da minha aldeia” propôs a construção de um olhar indígena sobre a sua comunidade em tempos de globalização. Portanto, neste estudo, tomou-se como base uma abordagem descritiva analítica, de cunho qualitativo, articulando os procedimentos metodológicos em uma perspectiva empírica. Uma extensa pesquisa de campo foi desenvolvida, com a produção de etnomapas e imagens registradas por um grupo de discentes-professores indígenas. O resultado alcançado foi o de visibilizar suas aldeias.

Palavras-chave: Território. Geografia. Aldeia. Porto Seguro/BA.

¹ Pós-Doutor (CES, Universidade de Coimbra). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Observatório Milton Santos, IFBA (Porto Seguro). <https://orcid.org/0000-0001-7358-8958>. E-mail: cerqueira.neto@gmail.com.

² Doutor em Filosofia (UFC). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Observatório Milton Santos, IFBA (Porto Seguro). <https://orcid.org/0000-0003-2983-3447>. E-mail: joseandre14@hotmail.com.

³ Doutor em Geografia (UFBA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Observatório Milton Santos, IFBA (Porto Seguro). <https://orcid.org/0000-0002-3844-7313>. E-mail: leonardothompson@gmail.com.

⁴ Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Observatório Milton Santos, IFBA (Porto Seguro). <https://orcid.org/0000-0003-4819-2649>. Email: ricardocunha92@hotmail.com.



ABSTRACT

This work aims to describe an experience developed in the Geography curricular component, offered in the Indigenous Intercultural Degree Course (LINTER), at the Federal Institute of Bahia, Campus Porto Seguro. It is not an easy task to propose and materialize a connection between scientific knowledge and traditional knowledge, especially in the academic environment, in which there is still resistance to this union. However, we are witnessing a great effort, mainly from the Humanities, in opening its doors and welcoming the orality of the different traditional peoples. In this context, the project "The geography of my village" proposed the construction of an indigenous view of their community in times of globalization. Therefore, in this study, a qualitative descriptive analytical approach was taken as a basis, articulating methodological procedures in an empirical perspective. Extensive field research was carried out, with the production of ethnomaps and images recorded by a group of indigenous teacher-students. The result achieved was to make their villages visible.

Keywords: Territory. Geography. Village. Porto Seguro/BA.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo describir una experiencia desarrollada en el componente curricular de Geografía, que se ofrece en el Curso de Grado Intercultural Indígena (LINTER), en el Instituto Federal de Bahía, Campus Porto Seguro. No es una tarea fácil proponer y lograr una conexión entre los conocimientos científicos y los conocimientos tradicionales, especialmente en el ámbito académico, en la que todavía hay resistencia a esta unión. Sin embargo, hemos visto un gran esfuerzo, especialmente de las ciencias humanas, para abrir sus puertas y acoger la oralidad de los diferentes pueblos tradicionales. En este contexto, el proyecto "La Geografía de mi pueblo" propuso la construcción de una mirada indígena a su comunidad en tiempos de globalización. Por lo tanto, en este estudio, tomamos como base un enfoque analítico descriptivo, de naturaleza cualitativa, articulando los procedimientos metodológicos desde una perspectiva empírica. Se llevaron a cabo una extensa investigación de campo, con la producción de etnomapas e imágenes grabadas por un grupo de estudiantes-profesores indígenas. El resultado obtenido fue visualizar sus aldeas.

Palabras clave: Territorio. Geografía. Pueblo. Puerto Seguro/BA.

Introdução

A Geografia tem como seu escopo principal contribuir com a compreensão do mundo em que vivemos. Em certa perspectiva, a leitura de mundo vai depender de algumas variáveis como, por exemplo, a condição socioeconômica, o território onde se vive, acesso à tecnologia e a educação, grau de mobilidade pelo território, entre outras. Dessa forma, a Geografia fornece técnicas, métodos e embasamento teórico para que se construa, em conjunto com a experiência de vida de cada um, uma reflexão sobre a dinâmica espacial.

No curso de Licenciatura Intercultural Indígena (LINTER), cujo foco é a formação de professores indígenas para atuarem, mormente, em suas próprias comunidades, a disciplina de Geografia busca inserir seus temas e conteúdos dentro do contexto específico dos discentes indígenas, mesmo que esses sejam coincidentes com os de qualquer curso superior. É digno de nota que a LINTER do IFBA, Campus Porto Seguro, atende prioritariamente três grupos

étnicos que ocupam os territórios do Sul e Extremo Sul da Bahia, que são os Pataxó, os Pataxó Hãhãhãe e os Tupinambás de Olivença. Certamente, cada território desses grupos étnicos possui características diferentes e, de fato, apresentam realidades escolares bem distintas; o que implica em tentar fornecer à formação de seus professores as mais variadas peculiaridades⁵. Contudo, há um certo número de necessidades que os deixam bem próximos, permitindo que possa se atuar na realidade escolar indígena desses grupos por estratégias semelhantes, apesar de sua ampla diversidade étnica. Nessa perspectiva que a relação entre o IFBA e essas comunidades indígenas tenha como um de seus objetivos perceber as peculiaridades das aldeias indígenas desses territórios.

Diante disso, percebemos que, em um primeiro momento, foi fundamental abordar a história da Geografia enquanto ciência, destacando seu papel específico dentro das áreas do conhecimento, como uma ciência que permite observar, vivenciar e pensar os territórios (SANTOS, 1994; 1996). Nesse contexto, foi necessário debater a sua etimologia primária e, depois, avançar para uma etimologia mais atualizada, na qual a geografia deixa de ser um conhecimento escolar “como outro qualquer”; haja vista que não é raro encontrarmos a geografia sendo ensinada como cartilha, mediante a preponderância de uma imagem dos conhecimentos geográficos baseados tão somente aos nomes de capitais e países, para se memorizar as formas de relevo e os afluentes de grandes rios. É preciso confrontar essa imagem do senso comum e passara de uma ciência de caráter crítico, nas suas inúmeras formulações da relação entre o homem e os espaços. É nesse cenário que se busca ultrapassar a dicotomia aparente entre espaço natural e espaço geográfico (SANTOS, 1982). Sendo assim, buscou-se mostrar ao discente indígena que tudo é espaço geográfico, ainda que seja abiótico.

Ao assimilar essa Geografia Nova (SANTOS, 1978), se deu o momento em que os discentes realizaram as primeiras incursões nos territórios em que habitam; territórios esses amplamente dominados pelos conhecimentos dos seus “parentes” e antepassados⁶. Porém,

⁵Cf. Gallois (2016, p. 509-510) sobre como os desafios epistemológicos para a formação de professores indígenas apresentam as mais variadas roupagens, diante do imenso contexto de diversidade étnica.

⁶Em certo sentido, o que caracteriza os indígenas é um jogo de auto identificação, no sentido étnico, e identidade pela diferenciação com outros grupos sociais, ou seja, identificação pelos outros, tal como observa Melatti (2014,



deve-se propor e acrescentar outra visão: uma compreensão mais ampla da dinâmica das comunidades e seus territórios, sobretudo pelas perspectivas tecnológicas e das grandes transformações promovidas pela instantaneidade da comunicação.

Agregada aos estudos teóricos, as metodologias e técnicas do trabalho geográfico no campo (LACOSTE, 2006; SERPA, 2006) são relevantes. Nesse caso, as atividades foram realizadas pelos professores indígenas com uso de equipamentos como celulares, máquinas fotográficas e cadernetas de campo, que são instrumentos efetivos para fazer o registro da paisagem, seja através de fotos ou anotações. Após essa coleta de dados no campo, os discentes desenvolveram uma análise territorial das comunidades e com base na produção de etnomapas e de registro cartográfico desenhados com a sobreposição de fotografias.

Os etnomapas, assim como os mapas mentais, servem como recurso didático para o entendimento das transformações socioespaciais das aldeias indígenas. Contribuem para um entendimento das mudanças no espaço (Geografia) e no tempo (História). Produzidos pelos integrantes dessas comunidades indígenas, os etnomapas ilustram a relação desses com o seu próprio espaço, reforçando os vínculos culturais e representações identitárias para o seu grupo (SOUZA; GABRIEL, 2009; SOUZA *et al.*, 2020). Essa prática maximiza a compreensão do processo histórico de construção dessas comunidades, da forma como ela está organizada e das possíveis projeções e planos para melhor estruturação desse território.

Portanto, este é ponto de partida deste artigo que traz uma compilação geográfica, paisagística e analítica dos etnomapas produzidos pelos discentes indígenas⁷ como parte integrante das atividades desenvolvidas no componente curricular de Geografia da Licenciatura Intercultural Indígena (LINTER), do IFBA, Campus Porto Seguro.

p. 38): “o fato de serem considerados índios por eles próprios e pela população que os cerca. Não se trata apenas de auto-identificação, mas também de identificação pelos outros”. Nesse contexto, poderia se explicar o fato da relação entre os mais diversos grupos étnicos ser nomeada por eles como uma relação de parentesco. Disso decorre o uso frequente entre os povos indígenas de chamar uns aos outros por “parentes”.

⁷ Rafaela Florêncio de Jesus; Fernanda Alves Souza; Cheila Alves de Souza; Otelino Braz de Jesus; Ari Rocha Braúna; Francis Braz Ferreira, José Conceição Santana Braz, Márlis Braz Ferreira, Sueli Braz Bonfim, Alex Gomes, Arikeia Pataxó, Arileia Pataxó, Tacineide Nunes, Maiane, Luciene, Railson, Antonio, Ana Paula Castro e Burianan. Discentes das turmas do ano de 2016.

1. A relação com os elementos naturais da paisagem: preocupação com a preservação

Na figura 1, podemos observar um exemplo de etnomapa produzido pela discente Rafaela Florêncio de Jesus, da etnia pataxó, da Aldeia Juerana. Conforme descrição, a aldeia possui 1.450 ha e está localizada a 16 km do centro urbano da cidade de Porto Seguro, no Vale do Itinga. Nesse caso, a ideia foi de produzir um mapa que representasse dois momentos: o primeiro à esquerda, representando o momento de retomada da Aldeia Juerana em 01 de junho de 2003; e o segundo, à direita, representando o momento em que foi realizado o componente curricular, em 01 de junho de 2016.



Figura 01. Etnomapa da Aldeia Juerana
 Autora: Rafaela Jesus (2016).

Nesse etnomapa a discente representa como a modificação espacial da aldeia ocorreu em um período de 2003 a 2016. Por estar situada em Porto Seguro, local com grande fluxo turístico, a Aldeia Juerana vem sendo sufocada por empreendimentos imobiliários (figura 2), o que compromete a conservação do ambiente, sobretudo, da vegetação, que é o primeiro elemento a ser eliminado de uma paisagem num cenário de expansão urbana. Por isso, observamos que os elementos naturais de uma aldeia são vistos como parte da vida das comunidades, não necessariamente como um objeto de estudo. É essa interação, em oposição ao movimento de urbanização, que contribui para a preservação do ambiente, seja da fauna, seja da flora.



Figura 2. Rua aberta de um futuro condomínio residencial
 Autora: Rafaela Jesus (2016).

Como se vê, mesmo com todo o avanço da urbanização, com a mata sendo suprimida, a Aldeia Juerena possui elementos naturais que estão numa interação que assegura um equilíbrio ambiental no território, como os rios Jardim e Itinga (figuras 3 e 4), que são constantemente utilizados para atividades recreativas, pesca, agricultura e etc.



Figuras 3 e 4. Rio Jardim (esquerda) e Rio Itinga (direita)
 Autora: Rafaela Jesus (2016)

Nesse sentido, podemos utilizar junto aos discentes indígenas um debate entre duas correntes teóricas eurocêntricas, o Determinismo Ambiental e o Possibilismo⁸, para estratificar suas categorias conceituais e mostrar suas limitações analíticas quando

⁸ Sobre determinismo geográfico ou determinismo ambiental, a sua origem está na escola clássica da Geografia Alemã, de Frederich Ratzel, com forte influência da teoria darwinista; em síntese, prega que as condições naturais determinam a sociedade. Como relação ao possibilismo geográfico que tem sua origem na escola clássica da Geografia Francesa, principalmente na Paul Vidal De La Blache, a abordagem vê o homem como agente modificador do espaço. Essa corrente é criada para contrapor o determinismo da escola alemã. Cf. Moraes (2005) para maiores informações.

confrontadas com essa realidade percebida pelos discentes, diante de sua vivência dos territórios.

É interessante notar, nesse aspecto, como se torna inapropriado utilizar o Determinismo Ambiental para definir a correlação entre as comunidades e o seu território. De início, podemos perceber que as reservas de matas e a preservação de corpos hídricos dentro de suas aldeias é vital para a sobrevivência desses povos e de todo o ecossistema no qual estão inseridos. Porém, o Determinismo Ambiental é uma categoria da Geografia Alemã, cujo escopo se dá pela análise da dinâmica espacial tendo o meio natural como o vetor que condiciona a vida do homem; o que não seria conveniente para aplicar em uma realidade completamente distinta do que observamos nas comunidades indígenas citadas. Do mesmo modo, podemos situar como o Possibilismo, na medida em que essa corrente procura mostrar como o homem modifica o meio natural de acordo com seus interesses e favorecendo a sua qualidade de vida. Apesar de mais útil que o determinismo, o possibilismo ainda assim não consegue alcançar totalmente as peculiaridades de como os discentes percebem sua relação com a paisagem natural.

Sendo assim, vemos outro caso, com pouco grau de modificação humana, que é o da Aldeia do Rio Pardo. As discentes Fernanda Alves Souza e Cheila Alves de Souza fizeram um relato no qual expõem as dificuldades de mobilidade pelo território, isto é, estradas precárias para escoamento da produção e da própria comunidade. O Rio Pardo foi retomado no ano de 2012, fica localizado na região de pau-brasil, na qual reside uma boa quantidade da população indígena pataxó hãhãhãe. Nessa localidade, há uma abrangência na quantidade de 10 % de área nativa, na qual se encontra uma pequena plantação de cacau. Os indígenas trabalham em agricultura, caça, pesca e agropecuária, especialmente, pois o clima é favorável para esse tipo de trabalho. O ponto de acesso da aldeia é um pouco complicado, pois as estradas estão em péssimas (figura 5) condições e, quando chove, a situação torna-se mais complicada.

Nesse cenário, os meios de transporte mais utilizados são: moto, ônibus e carro, sendo o último o maior responsável pelo transporte do principal produto deles, o leite. A distribuição de água na região tem como principal fonte os rios e represas, contudo, em alguns lugares, a



água está limitada ao rio Pardo, que serve para o consumo diário dos indígenas e para o consumo de água da cidade de Pau-Brasil.

Nesse contexto, os indígenas pagam individualmente fretes aos picapeiros para fazer a entrega da água, pois o acesso direto é praticamente inviável. A aldeia possui rede elétrica e, em alguns pontos de área, também possui rede de celular, porém não possui telefone fixo. Como se vê, apesar da aparente distância, algumas características de urbanização ainda são observáveis, o que nos remete a um uso bem diverso da relação entre meio ambiente e homem, esgotando, assim, o uso teórico seja do determinismo, seja do possibilismo.



Figura 05. Estrada de acesso a Aldeia Rio Pardo
Autoras: Fernanda Souza; Cheila Souza (2016)



Figura 06. Casa de um parente encravada num residual de Mata Atlântica
Autor: Otelino Jesus (2016)

Quanto à Aldeia Meio da Mata, o discente Otelino Braz de Jesus nos descreve o assoreamento do rio da aldeia por causa da pastagem. Ao citar as características ambientais



locais, um ponto de destaque é que estamos em área litorânea e dentro Território indígena de Barra Velha, no coração da mata atlântica (figura 6). O ambiente aqui é a mata grossa e área de brejo e mussurunga. O rio Caraíva é muito importante para os moradores. Apesar de hoje estar muito baixo, devido as nascentes estarem sendo usadas para pasto, foi um rio abundante para pesca. Há também um córrego no meio da aldeia, chamado de córrego de Benedito Braz, que serve como fonte de água.

É interessante seguir o relato pessoal de Otelino Braz para compreender tamanha a complexidade de elementos que confluem nas relações entre homem, meio ambiente, homem e homem, no conjunto da vida nas aldeias⁹

A aldeia é banhada de nascentes que jorram água cristalina e pura. Têm também áreas de mussurunga. Em dias de festa, o denominado “awê”, todos estão presentes para se alegrar e participar com seus costumes e artes, de pinturas, com suas comidas típicas, como o peixe na patioba e o beiju. Registro de história, luta e sobrevivência pataxó. A igreja católica faz seus gestos com sua forma e suas expressões, práticas de sua reza e adoração à santos de barro e madeira, que faz reverência. A igreja cristã Missionária é o único ponto que a maioria do povo se reúne para adorar um único, Deus, com devido louvor de forma normal, mas sem agredir a cultura do povo. Aqui na aldeia Meio da Mata atualmente as casas são de madeira e Eternit, mas ainda existem construções de barro e madeira com cobertura de palha de palmeira. Ao concluir posso dizer que a aldeia é uma comunidade em que as pessoas vivem de agricultura familiar e que a caça e pesca já são fontes extintas de sobrevivência.

Outro discente, Ari Rocha Braúna, da etnia pataxó, da Aldeia Craveiro, município de Prado, BA, também lança um relato extremamente complexo da sua percepção espacial e humana da sua comunidade

O espaço da minha aldeia passou por várias transformações ao longo do tempo, antigamente todo esse território era uma vegetação de muitas árvores nativas, como os povos indígenas foram perdendo suas terras, os brancos começaram a desmatar para fazer casas, pastos e grandes plantações. A aldeia Craveira antes era de um fazendeiro que morou muito tempo nesse lugar, e seguida os sem-terra, que invadiram esse lugar, usufruíram da terra por alguns anos, até que os indígenas pataxós resolveram reivindicar suas terras tradicionais e conseguiram pegá-la de volta. Hoje o espaço da minha aldeia está completamente desmatado, além disso, todo ano acontecem queimadas nesse lugar, modificando mais ainda o território, essa terra que antes era mata agora é mangas. Então as famílias sobrevivem da

⁹ Todos os relatos citados aqui são feitos a partir das apresentações de seminário da componente curricular, Fundamentos da Geografia, realizada em 2.2016 da turma da LINTER, do IFBA, Campus Porto Seguro.



criação de animais e de plantações. O futuro dessas terras não é das melhores, já não temos matas a terra que temos vai enfraquecendo de tanto usufruir, só vai servir de moradia e conseguir trabalho em outros lugares.



Figura 7. Paisagem de pasto que caracteriza a Aldeia Craveiro
Autor: Ari Braúna (2016)

Como observamos nesses relatos, as aldeias dos discentes que participaram da LINTER em 2016 possuem diferentes graus de urbanização; o que nos remete a uma relação com o exterior a partir da influência tanto direta quanto indireta, sobretudo em um cenário de proximidade ou distanciamento à sede dos municípios. No caso da Aldeia Barra Velha a sua configuração espacial (figuras 8, 9 e 10) é semelhante a de uma cidadezinha do interior do Brasil. Francis Braz Ferreira, José Conceição Santana Braz, Márlis Braz Ferreira, Sueli Braz Bonfim, descreveram a dinâmica espacial de Barra Velha da seguinte forma:

A aldeia Barra Velha está localizada no extremo sul da Bahia no município de Porto Seguro entre os rios Caraíva e Corumbau há 50 km da BR 101. Fica dentro do Parque do Monte Pascoal sua área é 52.748 hectares mais só temos 8.000 hectares demarcando a localização da aldeia, divididos por ruas, mas sem número. Com o total de habitantes dentro da aldeia Barra Velha temos uma quantidade de 2000 habitantes entre homens e mulheres incluídos. Na aldeia nós temos a energia elétrica que é do programa luz para todos e a água é de poço artesiano, porém é pela SESAI que é distribuído para as casas da aldeia. Não temos esgoto e nem telefonia fixa, somente aparelho móvel. A escola que tem em minha aldeia ela é composta por 660 alunos, e 90 funcionários incluídos professores, secretários diretor e vice diretor, coordenadores, auxiliar de serviços gerais merendeiras e vigilantes a escola e composta por 14 salas de aulas 2 secretarias 1 sala de direção, mais 1 sala de professores 10 banheiros, 1 biblioteca, 1 laboratório de Informática, onde a mesma atende os níveis de ensino desde o infantil até o ensino médio, temos um posto de saúde com enfermeiras dentista, e técnicos de enfermagem e agentes de saúde. Mas

ainda é precário. Na aldeia a família tem suas roças de plantações, de mandioca pimenta do reino, feijão, melancia, milho, porém é para o próprio consumo na aldeia e vende-se na própria comunidade ou as vezes trocam com os parentes vizinhos principalmente os pescadores e entre outros. A maioria cria galinhas para sua subsistência e consumo próprio temos uma quantidade de umas 10 famílias que criam gado, e os artesanatos são trabalhados por todos da comunidade e é comercializado principalmente no período de verão, nas vilas de Corumbau e Caraíva e também tem pessoas tanto índios e não índio faz a compra de troca do artesanato com carne de boi e entre outros alimentos e roupas. Na maioria das vezes as reuniões e encontro pequenos são realizados na escola e também no salão comunitário, mas quando são encontros grande é realizado na com uma quantidade acima de 200 pessoas é realizado na quadra o Awê é feito no salão comunitário. Na aldeia temos córregos, mas a 6 km da aldeia temos o Rio Corumbau e Caraíva, a área de vegetação nativa é bem pequena devido ao desmatamento e queimada inadequada. A Relação da aldeia com o município acontece com frequência devido a aldeia ser município de Porto Seguro existem uma grande quantidade contratações de professores e outros funcionários tanto na educação quanto os exames. Pelo estado não temos recursos, pelo governo federal recebemos projetos, temos alguns programas que beneficiam a comunidade.



Figuras 8, 9 e 10. Casas de alvenaria, restaurante e praça da igreja com postes de iluminação pública.
Autores: Francis Braz Ferreira; José Conceição Braz; Márlis Ferreira; Sueli Bonfim (2016)

Em consonância com o relato acima, temos o da discente Neuzimara Almeida Simões que, abordando o tema da diversidade e da conservação da natureza nas aldeias, fez uma análise dos aspectos naturais da Aldeia Imbiriba:

A comunidade de Imbiriba teve início no ano de ano de 1982 e era constituída por apenas três famílias, Braz, Tonheira e Cosme que já residiam na localidade e a família Correa que veio logo em seguida de Barra Velha. Famílias que lutaram para demarcar o seu território na busca dos seus direitos. Com o decorrer do tempo a aldeia foi crescendo e com isso passou a ser mais povoada por outros indígenas que ali chegaram, totalizando naquela época 18 famílias residentes na terra indígena (figuras 11 e 12). As primeiras famílias que aqui chegaram lutaram para que a demarcação acontecesse e com muito esforço a terra teve a sua demarcação com a colaboração de pessoas essenciais como a antropóloga Patrícia e seu marido Osmar que era chefe de posto da Aldeia Barra Velha. Depois da demarcação foi oficializado como cacique o jovem Renivaldo Correa Filho, filho de um dos



responsáveis pela demarcação da terra. O mesmo está até hoje na função de cacique da comunidade de Imbiriba que recebeu esse nome pela grande vegetação nativa de biriba (figura 13). No que se refere a produção interna, a aldeia se caracteriza pelo cultivo do café, mamão, mandioca, abacaxi, pimenta cominho, hortaliça, abóbora, entre outros; pequenos criadores de gado, porco e galinha caipira; artesanato de coco, sementes, chifre de boi, osso, madeira, entre outros; farinheira – produção da farinha. Está localizada no município de Porto Seguro, habitada pela etnia Pataxó, com uma área total de 739 Hectares e 720 habitantes. A aldeia foi demarcada pelo Governo Federal entre os anos de 1985 a 1986. Com a demarcação da terra, Tonheira e sua família resolveram ficar com a sua terra separada da terra indígena, seria então uma terra particular, fora da demarcação da aldeia e assim foi feito.



Figuras 11 e 12. A esquerda a antiga roça e a direita a paisagem da roça transplantada para um mapa.
 Autora: Neuzimara Simões (2016)



Figura 13. Mata nativa preservada na Aldeia Imbiriba.
 Autora: Neuzimara Simões (2016)

A diversidade de configurações espaciais entre as aldeias nos mostra a diferença entre o acesso à tecnologia, o grau de participação na economia local, a convivência com os elementos naturais da paisagem e as falas aqui registradas. Neste relato de experiência, queremos apontar para uma visão crítica dessas carências, sobretudo da carência de uma

política pública mais eficaz, que torne a vida nas aldeias mais confortável no que se refere à comunicação e à mobilidade.

2. Alguns elementos da globalização presentes nas aldeias

Para a relação com a natureza, outro tema interessante para as aulas de Geografia da LINTER é a globalização e seus processos, assim como a sua presença nas aldeias. Evidentemente, como há uma grande diversidade ambiental entre os territórios indígenas, também vai se ter diferentes níveis de influência da globalização. De fato, as aldeias mais distantes, com uma dinâmica mais integrada com a natureza, os indícios de globalização são menores que, por exemplo, nas aldeias mais urbanizadas.

A Aldeia de Coroa Vermelha, localizada no município de Santa Cruz de Cabrália, na BR 367, tem 77 hectares, com uma população de 7 mil indígenas, tendo 55 % homens e 45% mulheres. Essa aldeia possui uma especificidade por ser altamente urbanizada (figuras 14, 15 e 16). Na verdade, Coroa Vermelha se tornou um distrito, um bairro da cidade de Santa Cruz Cabrália, superando a sede, inclusive, com pretensões de se tornar o centro político e econômico do município. A urbanização intensa produziu uma conurbação entre o bairro e a aldeia.



Figuras 14, 15 e 16.

Coroa Vermelha é tão urbanizada que é difícil distinguir onde é a aldeia e onde é o bairro homônimo.

Autores: Maiane, Luciene, Railson, Antonio, Ana Paula Castro e Burianan (2016)

Em Coroa Vermelha os elementos da globalização podem ser detectados no cotidiano, pois, há uma interpenetração da aldeia no bairro e vice-versa. Um desses principais símbolos



é o turismo. Uma infraestrutura de comércio (figuras 17 e 18) foi montada para atender aos turistas que vêm de diferentes regiões do Brasil, bem como de outros países.



Figuras 17 e 18. A esquerda a Passarela Indígena com muitas lojas e a direita um shopping.
Autores: Maiane, Luciene, Railson, Antonio, Ana Paula Castro e Burianan (2016).

Para o funcionamento dessa estrutura é fundamental que ela esteja conectada à rede mundial de computadores, com o objetivo principal de atender as transações comerciais realizadas através das máquinas de cartões de crédito. Outra aldeia que tem relevância no que se refere ao turismo e para pesquisas acadêmicas, é a Aldeia Pé do Monte. Dessa aldeia, os discentes Moisés dos Santos Santana Ferreira e Ivana Bomfim Braz fizeram o seguinte relato:

A aldeia Pé do Monte foi criada no dia 19 de agosto de 1999 com a retomada do Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal (figura 19). E está localizada nas margens da BA 498 no Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal há 14 km da BR 101. Território Indígena Barra no município de Porto Seguro, BA. Com uma área de 26 alqueires. Tendo 36 famílias com um total de 160 pessoas e cerca de 51% são homens e 49% são mulheres que vivem de pequenas agriculturas de subsistências familiar com plantações de mandioca, milho, feijão, banana, cacau, abacaxi, pimenta do reino, etc. Também vivem artesanatos, turismo, benefício social do bolsa família e com alguns funcionários como professores e auxiliar de professores de serviço gerais e merendeira. Tendo também a criação de animais com galinhas e bovinos comunitário. As infraestruturas que existem hoje na aldeia são Escola com os eixos alfabetização educação infantil, fundamental I E II, também a presença das igrejas católica e evangélica, energia, celular e poço artesiano. Os rituais sagrados atualmente são realizados no Aragwá (lugar onde faz o ritual sagrado), campo de futebol, escola, Árvore sagrada (Juerana), monumento de resistência e luta Pataxó na praça da Resistência (figura 20) e no pátio da aldeia. Cursos Hídricos são os rios do cemitério, Rio Corumbal, tendo também as nascentes e bicas na aldeia. Com uma área de preservação que é a mata do Parque nacional Histórico do Monte Pascoal com cerca de 22.500 ha que fica rodeado por diversas aldeias Indígena Pataxó. Falta a homologação da terra indígena. Os comércios dentro da aldeia são pequenas vendas (botecos). As organizações da comunidade são cacique, liderança, associação e conselho de jovem liderança.



Figura 19. Em primeiro plano o Centro de Visitantes e ao fundo o Monte Pascoal
Autores: Moisés Ferreira; Ivana Braz (2016)



Figura 20. Monumento a resistência em formato do mapa do Brasil
Autores: Moisés Ferreira; Ivana Braz (2016)

É interessante perceber que,

No centro urbano de Porto Seguro, assim como em quase toda a sua orla, não há referências ao indígena. Lojas, barracas de praia, hotéis, utilizam em suas fachadas nomes e expressões que os sintonizem com o que pede a globalização, como, por exemplo, o estrangeirismo (CERQUEIRA-NETO; PINHEIRO; CUNHA, 2020, p.11).

Esse cenário pode nos levar a pensar que a cidade de Porto Seguro prefere se firmar como um centro turístico internacional, globalizado, escondendo e negando a sua origem



histórica. Contudo, há sinais de resistências desses povos no território de Porto Seguro a partir de uma participação política mais efetiva, um modo próprio de se integrar a economia local, inserção no meio acadêmico etc.

3. Em nossa aldeia...

Este tópico é dedicado aos relatos de alguns discentes em concomitância com o registro fotográfico. Em vista disso, cabe uma observação atenta, que dispensaria qualquer tipo de formulação textual propiciando ao leitor uma interpretação individual sobre o significado dos olhares dos professores indígenas concretizados nas fotos expostas aqui.



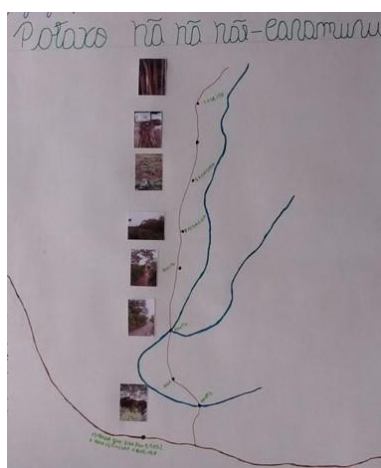
Alex Gomes, Arikeia Pataxó, Arileia Pataxó e Tacineide Nunes: “Em nossa aldeia a escola não possui muros”.
Escola da Aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu. Foto de 2016



Edivaldo Rodrigues da Silva: “Na minha aldeia até o poste de energia elétrica se integra à natureza”.
Aldeia Nova Vida – Camamu. (2016)



Érica Ferreira de Oliveira: “Na minha aldeia rochas, rio e vegetação estão em perfeita harmonia”.
Aldeia Panelão(2016).



Edison Ycaro: “Minha aldeia é uma linha reta interminável”
Aldeia Ourinho (2016).



Alex Gomes, Arikeia Pataxó, Arileia Pataxó e Tacineide Nunes: “Na minha aldeia a roça sempre foi comunitária; sempre solidária”.
Aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu (2016)



De Gilmara B. S. de Oliveira: “Na minha aldeia, cacique é uma mulher”.
Aldeia Itapuã (2016)



Lucimeire Magalhães dos Santos e Sebastiana Souza Vicira: “Na minha aldeia as casas não têm muros”.
Aldeia Acuípe do Meio I (2016)



De Elenildes Ferreira: “Na minha aldeia homem e natureza não são dissociáveis”.
Aldeia Tukum (2016)

Outro fator importante é que ao dar relevo aos símbolos materiais e imateriais destacados pelos discentes da LINTER, se faz uma contraposição ao que a cidade de Porto Seguro “vende” como seu patrimônio cultural, tendo em vista que

Nos pontos mais centrais da cidade a figura do colonizador é destacada, como por exemplo, o Trevo do Cabral. No sítio histórico mais conservado, inclusive, sob cuidados de órgãos oficiais, o conjunto arquitetônico da Cidade Histórica se caracteriza por conter elementos da colonização, como igreja, canhão, marco com símbolos de Portugal etc. Portanto, de certa forma, os símbolos da colonização presentes na paisagem da cidade parecem ter um caráter de perpetuação de uma eterna submissão, de sempre se lembrar dos invasores como benfeitores. Se essa leitura que se faz pode ser interpretada como radical, por outro lado, também não se pode imaginar que o destaque que esses símbolos possuem no território de Porto Seguro contrariamente a supressão dos primeiros habitantes seja algo posto de forma ingênua (CERQUEIRA-NETO; PINHEIRO; CUNHA, 2020, p.11).

Conclusão

Este trabalho, como um relato de experiência da disciplina de Geografia com professores indígenas, tem como objetivo mostrar o quão foi rica a troca de informações entre a disciplina e os discentes e dos discentes entre si. Etnias diferentes e até do mesmo clã puderam mostrar a diversidade territorial que existe entre suas aldeias. Compartilharam angústias, sobretudo no que concerne à falta de infraestrutura, bem como sobre a carência de políticas públicas que promovam uma melhor qualidade de vida dentro das aldeias; seja na saúde, na educação, no direito à terra.

A Geografia enquanto ciência ofereceu arcabouço teórico, métodos e técnicas; e os povos tradicionais compreenderam rapidamente como essas ferramentas poderiam proporcionar um olhar crítico sobre o seu território, bem como abriram possibilidades para fazer do ensino de geografia nas suas aldeias uma atividade prazerosa para seus alunos de ensino fundamental.

A diversidade da configuração espacial de cada aldeia participante da LINTER permitiu conhecer uma dinâmica até então ocultada em grande parte dos estudos sobre os indígenas na região do Extremo Sul da Bahia. Foi uma Geografia aplicada ao território; uma possibilidade limitada quando ensinamos Geografia para os chamados discentes não-índios. A



disciplina de Geografia, em certo sentido, foi favorecida nesse processo, pois pôde voltar um pouco às suas origens acadêmicas, nas quais os elementos naturais eram parte de suas análises. Nos dias atuais a urbanização dos lugares limita nossa percepção sobre a interação entre homem e natureza, e os discentes da LINTER souberam construir esse processo com muita propriedade.

Esse relato é, antes de tudo, uma homenagem a todos os discentes da LINTER, especialmente aos da turma do ano de 2016, que com todo sacrifício e uma série de dificuldades produziram uma Geografia própria. Portanto, é digno de nota os seus esforços acadêmicos, tanto na apresentação dos seminários, quanto no brilhante trabalho de campo que executaram. Isso tudo não poderia servir apenas para uma avaliação quantitativa e de cunho burocrático para a academia, era necessário ultrapassar os limites da sala de aula.

Por fim, deixamos a frase de dois discentes da Aldeia Água Vermelha que definem de forma concisa a experiência, cuja recompensa é muito maior do que o simples reconhecimento acadêmico: “A experiência com esse trabalho, de mapear a nossa região aonde moramos, foi importante para agente reconhecer e registrar riquezas naturais e modificadas, que às vezes no corre-corre do dia-dia deixamos de apreciar” (Fábio Vieira dos Santos; Naiara Barbosa Cruz, 2016).

Referências

CERQUEIRA-NETO, Sebastião; PINHEIRO, Ana C; CUNHA, Ricardo A. Território e identidade na “terra mãe do Brasil”: a invisibilidade indígena na cidade de Porto Seguro – Bahia. **Revista Espacialidades**, v. 16, n. 2, p. 252-270, 2020.

GALLOIS, Dominique Tilkin. A escola como problema: algumas posições. In: CUNHA, M. C. e CESARINO, P. de N. (Org.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Editora UNESP, 2016. p. 509 – 517.

GOMES, Rodrigo Dutra. Aspectos do Determinismo Científico ea Geografia. **Revista Terra Livre**. v.1, n.32, p. 77 a 91, 2009.

LACOSTE, Yves. A Pesquisa e o Trabalho de Campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 77-92, 2006.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20. ed., São Paulo: Annablume, 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008c. [1994].

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2009a. [1996].

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2009c. [1982].

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. [1978].

SERPA, Ângelo. **O Trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica**. Boletim Paulista de Geografia, v.84, p. 7-24, 2006.

SOUSA, Luciley de Feitosa; GABRIEL, Kelton. **Das Imagens aos Mapas Mentais: uma proposta de entendimento das percepções presentes em escolas ribeirinhas de Porto Velho**. UFPR / UNIR / UFPR. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, Porto Alegre / RS, 30/09/2009.

SOUZA, Adriana Silva.; SOUSA, Ana Cristina de; CAMUSO, Carla Sandra Silva; THOMPSON SILVA, Leonardo. Etnomapeamento na Reserva Indígena Caramuru Paraguaçu. **Revista Espacialidades**, v. 16, n. 01, p. 82-100, 17 abr. 2020.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 04 de junho de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 22 de setembro de 2020.